

SILVA, L. F. L.; PAHIMI, V. D.; CIRÍACO, L. S. Gramaticalização nos domínios da reflexividade e da medialidade em mundang (adamaua, nigero-congolês). *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. [www.revel.inf.br].

## Gramaticalização nos domínios da reflexividade e da medialidade em mundang (adamaua, nigero-congolês)

Luis Filipe Lima e Silva<sup>1</sup>  
Veronique Douzaka Pahimi<sup>2</sup>  
Larissa Santos Ciríaco<sup>3</sup>

luisf.1397@gmail.com

veronique.douzaka@gmail.com

laciriaco@gmail.com

**RESUMO:** Partindo-se de uma perspectiva cognitivo-funcionalista para o estudo da gramaticalização (cf. Hopper; Traugott 2003; Heine; Claudi; Hünnemeyer 1991), este trabalho investiga a manifestação da reflexividade e da medialidade em mundang, língua pertencente à família adamaua do tronco nigero-congolês falada no Chade e nos Camarões, através da proposta dos tipos situacionais elaborada por Kemmer (1993). Com o auxílio de uma metodologia de reconstrução interna para a reconstituição do percurso de mudança por meio de dados sincrônicos (cf. Narrog; Heine 2021), buscou-se descrever e propor o *cline* de mudança das referidas marcas. Constatou-se que tanto a marca para a reflexiva quanto a marca para o domínio de voz média são formadas por uma construção nominal, qual seja, [sùù POSS], que tem a palavra para o sentido de ‘corpo’ como núcleo e de um possessivo que concorda com o sujeito da oração. Propôs-se que essa marca é fruto de um processo de gramaticalização que se desenvolve no *cline* ‘nominal > reflexiva > média’, tal qual ocorre com outras línguas africanas (cf. Heine 2000). Com base na comparação com dados de línguas nilo-saarianas faladas na mesma região, sugere-se que esse percurso de mudança poderia ser justificado como um fator areal (Evseeva; Salaberri 2018; Schladt 2000).

**PALAVRAS-CHAVE:** termos para partes do corpo; mundang; voz gramatical; gramaticalização.

**ABSTRACT:** Based on a cognitive-functional perspective for the study of grammaticalization (cf. Hopper; Traugott 2003; Heine; Claudi; Hünnemeyer 1991), this paper analyzes the reflexive and the middle voice constructions in Mundang (Adamawa, Niger-Congo) spoken in Chad and Cameroon, by means of the proposal of situation types proposed by Kemmer (1993). Taking into account an internal reconstruction methodology for reconstituting the path of change by using synchronic data (cf. Narrog; Heine 2021), we sought to describe and propose the cline of change of the aforementioned markers. It was found that both the mark for the reflexive voice and the mark for the middle voice domain are formed by a nominal, namely, [sùù POSS], that has the word for the meaning of ‘body’ as its nucleus and a possessive that agrees with the subject of the sentence. It was proposed that this mark is the result of a grammaticalization process that develops in the following cline ‘nominal > reflexive >

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

<sup>3</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora da Faculdade de Letras da UFMG.

middle', such as occurs with other African languages (cf. Heine 2000). Based on comparison of data from Nilo-Saharan languages spoken in the same region, it is suggested that this path of change could be justified as an areal factor (Evseeva; Salaberry 2018; Schladt 2000).

**KEYWORDS:** body part terms; Mundang; grammatical voice; grammaticalization.

## Introdução

Entendida como um processo de mudança linguística por meio do qual uma forma/construção gramatical emerge através de uma forma/construção lexical, podendo, opcionalmente, tornar-se ainda mais gramatical no decorrer do tempo (cf. Lehmann 2015; Hopper; Traugott 2003; Heine; Claudi; Hünnemeyer 1991), a gramaticalização vem sendo estudada em muitas línguas do mundo, especialmente nas línguas africanas, que contam com estudos nessa área, pelo menos, desde a obra clássica de Heine e Reh (1984) (cf. Heine; Narrog 2011).

Os estudos translinguísticos e tipológicos acerca do processo de gramaticalização têm revelado importantes descobertas sobre a relação entre a emergência de marcadores que indicam categorias gramaticais e padrões ou percursos comuns que subjazem à mudança linguística levada a cabo pelo referido processo, bem como sobre trajetórias distintas de mudança entre áreas linguísticas específicas (cf. Bisang; Malchukov 2020a; 2020b; Narrog; Heine 2018; Robbeets; Cuykens 2013; López-Couso; Seoane 2008, Bybee; Perkins; Pagliuca 1994). Nesse sentido, o estudo da gramaticalização fornece base para a descoberta de aspectos cognitivos gerais empregados no curso da mudança e que são compartilhados entre os falantes das mais variadas línguas. Além disso, possibilita a oportunidade de explicação dos percursos distintos que cada língua estabelece durante a mudança.

Mais especificamente, a linha de investigação que explora percursos comuns de mudança linguística revela que processos de gramaticalização envolvendo termos para partes do corpo<sup>4</sup> são compartilhados por muitas línguas naturais, abarcando uma grande diversidade tipológica de línguas na manifestação desse fenômeno (cf. Zariquiey; Valenzuela 2022; Frajzyngier 2020; Robert 2020; Wojtylak 2020; Heine 2014; 1989; Gebreyes 2014; Stirz 2014; Voll 2014; Van Pareren 2013, entre outros). Seguindo essa mesma vertente de pesquisa, o objetivo deste trabalho é analisar,

---

<sup>4</sup> Nomes como *cabeça*, *mão*, *perna*, *pé*, *costas*, *olhos* etc. são termos para partes do corpo. Adicionalmente, a própria palavra *corpo* é considerada como termo pertencente a esse mesmo conjunto.

numa perspectiva cognitivo-funcionalista, o processo de gramaticalização de uma construção de origem lexical que se insere no conjunto de termos associados ao campo semântico que denota partes do corpo para a expressão de uma categoria gramatical ampla relacionada à voz, qual seja, a reflexividade e o domínio de voz média, no mundang, língua que pertence ao grupo adamaua, um dos menos documentados da África, segundo Kleinewillinghöfer (2020).

Este artigo está organizado da seguinte maneira. Na seção 1, apresentam-se os pressupostos teóricos, incluindo algumas considerações sobre a língua mundang e sua classificação filogenética e o domínio de voz média. Na seção 2, é apresentada a metodologia, especificando o método e a obtenção de dados. Em seguida, os dados coletados são analisados na seção 3, onde também se discute os resultados da análise. Por fim, na seção 4 são apresentadas as considerações finais.

## **1. Pressupostos teóricos**

Nesta seção, serão apresentados os pressupostos teóricos assumidos neste trabalho. Inicialmente, será apresentada a classificação filogenética estabelecida para o mundang. Ressalta-se que serão adotadas as ideias discutidas em Elders (2006), que, por sua vez, são fortemente baseadas na proposta de Boyd (1989). Posteriormente, discutir-se-á a proposta de Kemmer (1993) acerca do domínio de voz média e sua relação com a reflexividade.

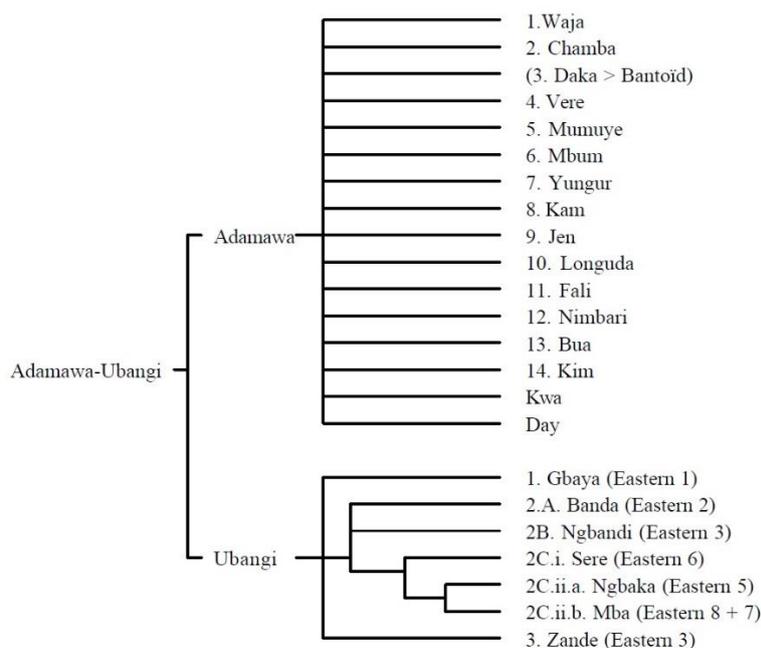
### **1.1 Mundang: classificação filogenética**

Do ponto de vista etnográfico, há estudos sobre o povo e a cultura mundang, pelo menos, desde o início do século XX (cf. Brussaux 1907), ao passo que, do ponto de vista linguístico, os primeiros trabalhos forneciam basicamente listas de palavras<sup>5</sup> (cf. Strümpell 1910; Mouchet 1938). Ainda hoje, a língua conta com poucos estudos focados em questões estritamente gramaticais, embora haja uma importante gramática disponível em língua francesa (cf. Elders 2000). Não obstante, há uma gama de estudos na área da Linguística Histórico-Comparativa que investigam e propõem uma classificação filogenética para as línguas aparentadas ao mundang (cf. Elders 2006 e referências lá citadas).

---

<sup>5</sup> Alguns estudos etnográficos também fornecem listas de palavras.

De acordo com Elders (2006), o mundang é uma língua do grupo kebi-benue<sup>6</sup>, do ramo adamaua da subfamília adamaua-ubanguiana, pertencente ao tronco nigero-congolês. O dendrograma proposto por Boyd (1989) mostra a divisão entre o ramo adamaua, composto por vários sub-ramos, e o ramo ubangui, igualmente composto por diferentes sub-ramos, conforme mostra a figura 1. Cada sub-ramo se desenvolve num número específico de línguas.

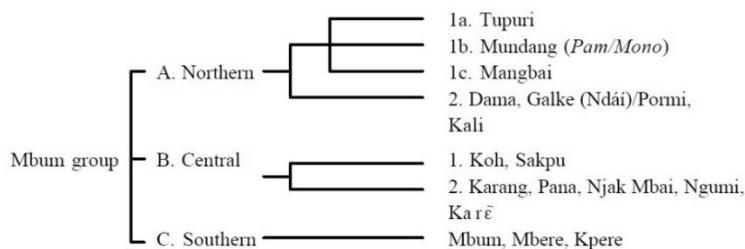


**Figura 1:** Classificação da subfamília adamaua-ubanguiana segundo Boyd (1989)

**Fonte:** Elders (2006: 40)

O sub-ramo kebi-benue ou mbum é dividido em três outros grupos: norte, centro e sul, conforme indica a figura 2. Nota-se que o mundang faz parte do grupo norte do sub-ramo kebi-benue ou mbum. Elders (2006) menciona que o pam e o mono são línguas que fariam parte do mesmo grupo norte (1b) ao qual pertence o mundang, por isso estão representadas entre parênteses, sendo, por conseguinte, as línguas mais próximas do mundang.

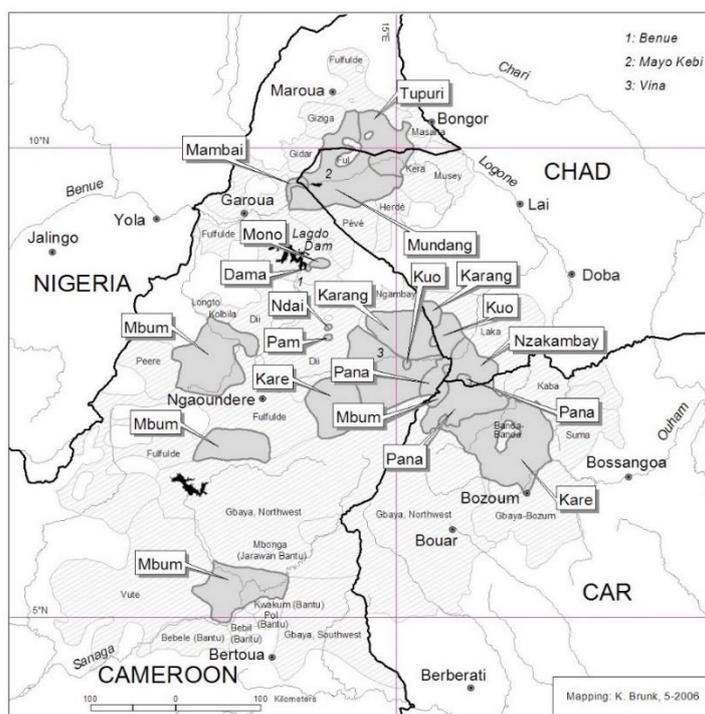
<sup>6</sup> Boyd (1989) denomina esse grupo como mbum.



**Figura 2:** Classificação do grupo mbum segundo Boyd (1989)

**Fonte:** Elders (2006: 40)

O mundang é falado no norte dos Camarões e no sul do Chade, de acordo com o mapa exibido na figura 3. A fonte mais recente a que tivemos acesso informa que há cerca de 235.700 falantes nos dois países, sendo 191.000 falantes no Chade e 44.700 em Camarões (Gordon Jr. 2005).



**Figura 3:** Distribuição das línguas kebi-benue

**Fonte:** Elders (2006: 41)

A língua conta com três dialetos denominados, de acordo com Elders (2000), mundang kaélé, variante falada nos Camarões, na região de Kaélé, Mayo-Kani, mundang léré, variante falada no Chade, na região de Leré, Mayo-Kébbi, e mundang torrok, variante falada também no Chade, na região de Pala, Mayo-Kébbi.

## 1.2 Domínio de voz média e reflexividade

A voz média se caracteriza, em línguas que a apresentam como fenômeno do paradigma morfológico de voz, como o grego antigo, por uma marcação no verbo que indica um caráter híbrido quando comparada à ativa e à passiva. Enquanto nas vozes ativa e passiva o sujeito está associado, prototipicamente, aos papéis de agente e paciente, respectivamente, na voz média o sujeito é tanto agente quanto paciente:

(1) Grego antigo (Beekes 2011: 252, tradução nossa)

*thú-etai*

sacrificar-3SG.média

‘Ele se sacrifica por si mesmo [*he sacrifices for himself*]

Embora não apresentem a voz média propriamente dita, como em grego e em latim, diversas outras línguas possuem construções que, especialmente do ponto de vista semântico, se situam dentro do que Kemmer (1993) e outros autores (Maldonado 1999; Camacho 2003; Creissels 2006) chamam de “domínio de voz média”. Em português, a construção em (2a) ilustra o domínio médio por excelência (Camacho 2003), em contraste com (2b), que representa a voz ativa:

(2) Português brasileiro

a. João (se) levantou.

b. João levantou o livro.

Em (2a), o participante em posição de sujeito está associado tanto ao papel de agente quanto ao papel de paciente em relação à ação denotada pelo verbo, que é desencadeada por ele em seu próprio benefício. A diferença entre as duas sentenças não reside na marcação morfológica de voz no verbo, nem no tipo de sujeito que está sendo utilizado, mas sim na interpretação do participante em posição de sujeito – em (2a), ‘João’ é agente e paciente ao mesmo tempo de ‘levantar’, já em (2b), ele é apenas agente. Embora em português não haja marcação morfológica, sentenças de domínio médio apresentam recorrentemente o clítico ‘se’ como marca de medialidade.

Segundo Kemmer (1993), o domínio de voz média está associado nas línguas à semântica de onze tipos situacionais, delimitados pela autora após extensa pesquisa tipológica, conforme informa o quadro 1:

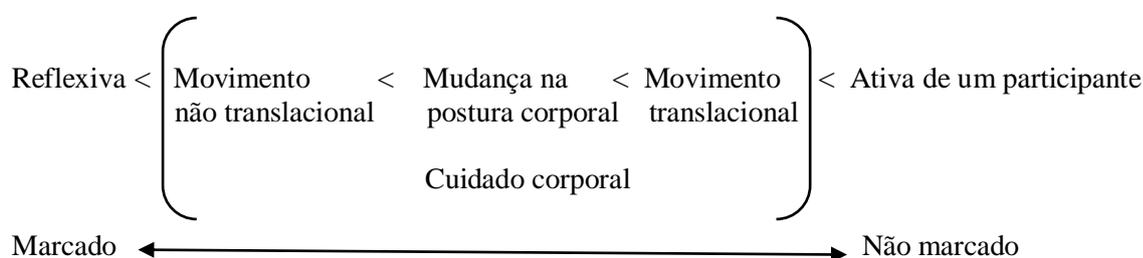
<b>Tipo situacional</b>	<b>Definição</b>	<b>Verbos/construções correspondentes em língua portuguesa</b>
I. Cuidados corporais ou <i>grooming</i>	Indica atividades culturais humanas relacionadas a cuidados com o corpo.	Barbear-se, vestir-se, maquiar-se, tomar banho etc.
II. Movimento não translacional	Indica ações motoras sem alteração da localização do corpo num dado ambiente.	Virar-se, abaixar-se, reclinar-se etc.
III. Mudança de postura corporal	Indica ações volitivas no próprio corpo naquilo que se refere à mudança de postura.	Deitar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se etc.
IV. Eventos naturalmente recíprocos	Indica um evento com dois participantes no qual há duas relações, de modo que cada participante atua como iniciador em uma dessas relações e como ponto final na outra.	Beijar, brigar, encontrar, conversar etc.
V. Movimento translacional	Indica o movimento de um ser animado através do espaço por meio de seu próprio controle.	Ir, vir, andar, voar, correr etc.
VI. Média de emoção	Indica eventos mentais com carga emotiva nos quais há um alto nível de afetação por parte do experienciador, bem como baixa volitividade.	Entristecer-se, alegrar-se, assustar-se, sofrer etc.
VII. Eventos espontâneos	Indica mudança de estado de uma entidade, mas sem codificação do agente.	Dissolver-se, quebrar-se, secar-se, evaporar-se etc.
VIII. Média indireta ou <i>selfbenefactive middle</i>	Indica ações cujo efeito retorna ao iniciador que, por sua vez, as realiza em seu próprio benefício.	Adquirir, comprar, escolher etc.
IX. Média de cognição	Indica processos relacionados ao âmbito do pensamento.	Refletir, lembrar-se, esquecer-se, meditar, supor etc.
X. Ações de fala de tipo emotivo	Indica ações desenvolvidas por meio da fala que envolvem a emoção como parte de seu sentido lexical.	Reclamar, lamentar-se, xingar etc.

XI. Situações de demção do agente	Indica situações nas quais pressupõe-se a existência de um causador externo, geralmente humano, mas que é omitido por fatores pragmáticos.	a. Médio-passiva: Deste carro se vende bem. b. Impessoal: Fala-se muito aqui. c. Facilitativa: O João desanima fácil.
-----------------------------------	--	---

**Quadro 1:** Tipos situacionais passíveis de marcação da média

**Fonte:** adaptado de Kemmer (1993)

A autora explica que nem todas as línguas apresentam as onze categorias com a marca média. Entretanto, os vários sentidos vão sendo marcados historicamente com a marca média a partir de um mesmo sentido fonte, que é o reflexivo. Sua análise permite postular a seguinte hierarquia:



**Figura 4:** Hierarquia de marcação com origem na reflexiva

**Fonte:** Adaptado de Kemmer (1993: 224)

Segundo a autora, a semântica comum para a marcação de voz média nas várias línguas analisadas seria indício de um sistema cognitivo universal e poderia ser explicada pelo parâmetro de “elaboração de evento”. Em tese, os tipos situacionais de voz média apresentam baixa elaboração de evento em relação aos tipos situacionais dos outros sistemas de voz (ativa e passiva). Por exemplo, a situação que expressa a habilidade intrínseca de um objeto de passar por um processo particular apresenta, comumente, uma marca média em várias línguas. Isso se deve à baixa elaboração do evento com que essa situação é conceitualizada: um tipo situacional concebido apenas a partir do paciente é menos elaborado do que um tipo situacional concebido a partir do agente.

Ainda segundo Kemmer (1993), há línguas que apresentam duas formas para marcar a média e a reflexiva, como o russo e o latim, e há línguas que apresentam apenas uma forma para ambas, como as línguas românicas. No caso das românicas, que descendem do latim, a autora explica o percurso da seguinte maneira:

primeiramente, havia no latim duas formas (*se* para reflexiva e *-r* com marca no verbo para a média). Posteriormente, houve uma queda do *-r* e uma consequente difusão do *se* em contextos médios, sendo essa a forma herdada pelas línguas românicas.

Apesar de poderem compartilhar a marca, a semântica de medialidade é diferente da semântica de reflexividade. Por exemplo, em português, na sentença ‘o bebê se viu’, a marca ‘se’ é reflexiva e indica uma mudança na referenciação de participantes do evento – ao invés de ter dois participantes distintos, ‘ver’ possui dois participantes idênticos: tanto quem viu quanto quem foi visto tem o participante denotado pelo sintagma ‘o bebê’ como referente. A sentença pode ser parafraseada por ‘o bebê viu ele mesmo’, explicitando o sentido reflexivo. Em resumo, o ‘se’ reflexivo iguala dois participantes do evento.

Por outro lado, na sentença ‘o bebê se virou’, a marca ‘se’ é média e indica uma mudança no evento denotado pelo verbo – ao invés de denotar o sentido causativo de dobrar ou girar, ‘virar’ denota movimento não translacional do próprio corpo. Em uma possível paráfrase, não há um termo que seja intercambiável com o ‘se’ médio. Em outras palavras, o ‘se’ médio muda o tipo situacional do evento. Assim, segundo Kemmer (1993), a marca média é mais gramatical do que a marca reflexiva – a média, por operar uma mudança no evento denotado pelo verbo, é mais estrutural e esquemática; por seu turno, a marca reflexiva, por operar uma mudança referencial, é mais ‘nominal’ e substantiva.

A origem da marca média na marca reflexiva é, portanto, um caso de gramaticalização. Isso fica mais evidente em português quando se contrastam os usos reflexivo e incoativo/anticausativo de sentenças ambíguas como ‘a criança se machucou’, em que o clítico pode ter tanto interpretação reflexiva quanto média. Quando ‘se’ é usado como reflexiva, a criança é agente e paciente de ‘machucar’ ao mesmo tempo. Quando o ‘se’ é usado como marca média, a criança é apenas paciente e o evento é interpretado como espontâneo ou de causa desconhecida<sup>7</sup>. De fato, segundo Kemmer (1993), as situações médias, por serem categorias cognitivas e semânticas pré-existentes, não precisariam ser marcadas – segundo ela, em muitos

---

<sup>7</sup> Vale notar que, em alguns dialetos do português brasileiro, há uma queda da marca média ‘se’, na interpretação incoativa/anticausativa, e a sentença passa a ser usada como ‘a criança machucou’. Possivelmente, a queda do ‘se’ indica um passo a mais no caminho de gramaticalização da marca média em português (cf. Soares da Silva 2024).

casos, a categoria média aparece com uma marcação zero, ao passo que os casos de reflexiva são sempre marcados.

## 2. Metodologia

Na condição de uma língua ágrafa, o mundang não deixou registros escritos de sincronias pretéritas, o que impede uma investigação diacrônica nos moldes tradicionais, isto é, com base em *corpora* de textos escritos produzidos ao longo do tempo. Não obstante, isso não anula a possibilidade de uma investigação com propósito diacrônico, mas com base em dados sincrônicos. Para essa finalidade, existe o método de reconstrução interna, conforme sustentam Narrog e Heine (2021). De acordo com os autores, tal método consiste na exploração de dados sincrônicos com o intuito de recuperar informações pré-históricas da língua investigada. Nesse sentido, parte-se de fatos que possam ser considerados comumente como “irregularidades” no sistema linguístico atual e se hipotetiza que a “regularidade” deveria estar presente em estágios anteriores da língua. Esse princípio torna possível a exploração dos dados sincrônicos em busca da reconstituição diacrônica que poderia ter dado origem aos fenômenos observados contemporaneamente na língua. Adicionalmente, utiliza-se como base de atestação da proposta de reconstituição percursos de mudança linguística compartilhados por outras línguas aparentadas, bem como princípios cognitivos gerais que as línguas do mundo compartilham no curso da mudança, o que configura, de certo modo, uma perspectiva comparativa de investigação<sup>8</sup>.

Narrog e Heine (2021) ilustram esse método com um exemplo do suaíli (banto, nigero-congolês). O objetivo dos autores é mostrar de onde se originou o prefixo que indica tempo futuro nessa língua. O suaíli apresenta o prefixo *-ta-* para marcar tempo futuro e um alomorfe *-taka-* usado em orações relativas, como se constata nos exemplos em (4).

(4) Suaíli (Narrog; Heine 2021: 37, tradução nossa)

a. <i>a-ta-ku-ja</i>	<i>kesho</i>
CL <sub>1</sub> -FUT-INF-3 <sup>sg</sup>	amanhã
‘Ele(a) virá amanhã’	

<sup>8</sup> Para a metodologia usada nos estudos de gramaticalização aplicada a dados comparativos, cf. Gildea (2000).

b. *a-taka-ye*                      *ku-ja*      *kesho*  
 CL1-FUT-REL.CL1              INF-vir      amanhã  
 ‘Ele(a) que virá amanhã’

A reconstrução interna sugere que o alomorfe *-taka-* é mais antigo que *-ta-*, sendo reconstruído, portanto, como *\*-taka-*. Isso se deve ao fato de que, do ponto de vista tipológico, as construções gramaticais tendem a perder substância fonética, bem como as sentenças neutras tendem a ser mais inovadoras do que as complexas. Desse modo, as construções gramaticais que se encontram numa oração relativa tendem a ser mais conservadoras. Adicionalmente, assumindo que a forma antiga do elemento que marca o futuro seja *\*-taka-*, torna-se possível relacioná-la ao verbo de volição *-taka-* (‘querer’), ilustrado em (5).

(5) Suaíli (Narrog; Heine 2021: 38, tradução nossa)

*a-taka*                      *ku-ja*      *kesho*  
 CL1-querer      INF-vir      amanhã  
 ‘Ele(a) quer vir amanhã’

Essa associação faz sentido pelo fato de ser constatada como parte de um percurso de mudança em outras línguas naturais, isto é, há uma tendência para que verbos de volição como ‘querer’ e ‘desejar’, por exemplo, se desenvolvam em marcadores de tempo futuro, sendo o inglês *will* o exemplo mais mencionado na literatura. Ao relacionar o marcador de futuro com o verbo de volição, levanta-se a questão de qual teria dado origem ao outro. Para isso, recorre-se ao método comparativo, o qual nos informa que a origem do verbo *-taka-* reside na forma reconstruída *\*-càka-* (‘desejo’) do protobanto (Guthrie 1967-1971), por meio da comparação das mais de trezentas línguas bantas faladas contemporaneamente. Já o marcador de futuro não pode ser reconstruído no protobanto, o que sugere, por sua vez, que ele deve ter sido introduzido após a ramificação do protobanto nas línguas bantas contemporâneas, surgindo, portanto, num momento posterior ao verbo *-taka-*. Desse modo, por meio da aplicação do método apresentado por Narrog e Heine (2021), pode-se inferir o seguinte *cline* de mudança: *\*-càka-* ‘desejo’ > *-taka-* ‘querer’ > *\*-taka-* ‘FUT’ > *-ta-* ‘FUT’.

O método de reconstrução interna, somado ao método comparativo e às generalizações tipológicas, no exemplo fornecido pelos autores, permite levantar

evidências para se propor uma hipótese forte da mudança linguística<sup>9</sup>. Isso foi possível mesmo sem dados diacrônicos, ou seja, o método fornece plausibilidade para se propor uma hipótese de mudança com base em dados sincrônicos, de modo a estabelecer não apenas uma forma reconstruída, mas, sobretudo, o percurso de mudança por meio do qual a construção emergiu na língua. Nesse sentido, buscaremos, neste trabalho, estabelecer o percurso de mudança das construções relacionadas à categoria de voz, notadamente, a reflexiva e o domínio da média no mundang. Para isso, faremos uso dos princípios do método de reconstrução interna expostos nesta seção para a reconstituição do percurso de mudança e, em certa medida, na comparação com dados de outras línguas nigero-congolesas, bem como nos percursos comuns de mudança relacionados à categoria de voz nas línguas naturais, tal como propõem Narrog e Heine (2021). Ao final, apresentaremos uma proposta de *cline* de mudança considerando as observações realizadas na análise.

Os dados de fonte primária foram obtidos pelo método de eliciação (cf. Bower 2008), tal qual comumente é feito nesse tipo de estudo, por meio de um questionário elaborado com sentenças contendo verbos dos tipos situacionais elencados no quadro 1. Tal questionário era composto por sentenças em francês e o informante consultado, nascido no norte dos Camarões, deveria fornecer sua respectiva forma equivalente para o mundang, uma vez que era falante bilíngue francês-mundang. A coleta foi realizada por um dos autores, que também transcreveu e glosou os dados. Devido aos percalços enfrentados durante essa etapa, conseguimos dispor de dados dos tipos situacionais (I)-(VIII) e (XI-a), tendo ficado de fora os tipos (IX), (X) e (XI-b-c). Consideramos, portanto, que este estudo deve ser complementado, posteriormente, à luz de novos dados, a fim de que novas descobertas sejam somadas à proposta ora apresentada.

### 3. Análise dos dados

Em mundang, a marca de reflexividade é formada a partir do substantivo *sùù*, que significa 'corpo' e de um possessivo (POSS), ou seja, pela construção [*sùù* POSS].

---

<sup>9</sup> Os autores ainda complementam a explicação do percurso de mudança fazendo uso dos parâmetros já clássicos de análise nos processos de gramaticalização (extensão, dessemantização, descategorização e erosão), que não serão discutidos pelo fato de não os utilizarmos neste trabalho. Para mais informações, remetemos o leitor ao trabalho de Heine e Kuteva (2007).

Entretanto, essa construção nem sempre veicula uma leitura reflexiva, isto é, a interpretação literal, ‘meu corpo’, também é possível em dados<sup>10</sup> como (6):

- (6) *mè kò sùù bè*  
 1SG ver.NV corpo POSS.1SG  
 ‘Eu vejo meu corpo / Eu me vejo’

Note-se que ‘eu vejo meu corpo’ não é uma construção reflexiva, visto que ‘eu’ e ‘meu corpo’ são argumentos diferentes entre si, com características sintáticas, semânticas e referenciais próprias. Ao passo que em ‘eu me vejo’ o pronome ‘me’ iguala a referência do participante em posição de objeto ao participante em posição de sujeito, sendo, por isso, considerado uma marca de reflexividade. Assim, a princípio, esse exemplo parece mostrar o possível gatilho de reanálise que a estrutura [sùù POSS] sofreu durante o processo de gramaticalização: de uma expressão com sentido nominal literal para uma marca de expressão da reflexividade. Essa hipótese é confirmada por exemplos em que apenas a leitura reflexiva é possível, tais como:

- (7) *Bernard guŋ sùù ahe*  
 Bernard cortar corpo POSS.3SG  
 ‘Bernard se cortou’
- (8) *Ana i sùù ahe*  
 Ana ver corpo POSS.3SG  
 ‘Ana se olhou’

Em (7) e (8), ambos os verbos têm dois participantes, um agente e um paciente. A construção [sùù POSS] indica que esses dois participantes são representados pelo mesmo argumento – *Bernard* em (7) e *Ana* em (8). O fato de a forma lexical, [sùù], fonte da gramaticalização, ainda ser transparente para os falantes é, segundo Heine (2000), algo pressuposto durante o processo de gramaticalização. De acordo com o autor “(...) haverá uma fase de sobreposição entre o estágio anterior e o posterior, o que significa que durante essa fase haja ambiguidade entre os dois significados em questão”<sup>11</sup> (Heine 2000: 11, tradução nossa). Ele destaca ainda que vinte línguas africanas apresentam o nome para o

<sup>10</sup> Exceto quando indicado, os dados apresentados nesta seção são do mundang. Foram seguidas, com algumas adaptações, as orientações do padrão recomendado pelo modelo *The Leipzig Glossing Rules* (Comrie; Haspelmath; Bickel 2008) para a apresentação dos dados.

<sup>11</sup> Do original: “(...) there will be a phase of overlap between the earlier stage and the later stage, which means that during this phase there exists ambiguity between the two meanings concerned”.

sentido de ‘corpo’ como forma fonte de marcas reflexiva ou recíproca, o que evidenciaria que essa cadeia de gramaticalização é amplamente compartilhada entre as línguas do continente africano, ocorrendo não apenas em línguas nigero-congolesas, mas também em línguas afro-asiáticas e nilo-saarianas. O exemplo (9) do iorubá (cuá<sup>12</sup>, nigero-congolês) ilustra a marcação de reflexiva e recíproca por meio da palavra que designa ‘corpo’.

(9) Iorubá (Awoyale 1986: 11 *apud* Heine 2000: 13, tradução nossa)

*won rí ara won*  
 eles viram corpo deles  
 ‘Eles se viram (REFL) / Eles viram um ao outro (RECP)’

Além disso, é importante destacar que em mundang o possessivo apresenta concordância com o sujeito da sentença: em (6), o possessivo *bè* concorda em número e pessoa com o sujeito *mè* e em (7) e (8), o possessivo *ahe* concorda com os sujeitos *Bernard* e *Ana*, evidenciando que é a sequência [*sùù* POSS] que se gramaticaliza como um todo construcional e não os itens lexicais isoladamente<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> É necessário dizer que não há uma única alternativa possível em relação à classificação filogenética do iorubá. Bernd Heine informa que essa língua pertence à família cuá tanto em textos de autoria individual (cf. Heine 1997: 113; Heine 2011: 700; Heine 2018: 26) – incluindo o texto de onde o exemplo (9) foi extraído (cf. Heine 2000: 13) – quanto em textos em coautoria (cf. Heine; Reh 1984: 60; Kuteva *et al.* 2019: 515; Narrog; Heine 2021: 76). Outros autores também informam que o iorubá é uma língua cuá (cf. Kuteva; Comrie 2005: 227; Frajzyngier; Shay 2020: 583; Manfredi; Céplö 2023: 291). Uma outra proposta classifica o iorubá como uma língua benue-congolesa (cf. Williamson 1989) e é a que parece gozar de maior prestígio atualmente, uma vez que é adotada, por exemplo, pela base de dados Glottolog (Hammarström *et al.* 2023), desenvolvida por integrantes do Instituto Max Planck. Não obstante, na ausência de um consenso quanto à classificação dessa língua, uma vez que as duas propostas coexistem na literatura ao longo do corrente século, optamos por reproduzir a classificação divulgada por B. Heine, de acordo com a informação que consta no texto de onde o exemplo (9) foi extraído. É preciso dizer, adicionalmente, que a ausência de consenso na classificação do iorubá se fundamenta na ideia de que não há uma fronteira clara entre as famílias cuá e benue-congolesa (cf. Good 2020), assim como na ideia de que, provavelmente, elas formariam um *continuum* dialetal (cf. Williamson; Blench 2000), o que justificaria, de alguma maneira, uma menção alternativa que realiza uma integração terminológica baseada nessas ideias, classificando o iorubá como uma língua benue-cuá (cf. Campbell; King 2013: 1813).

<sup>13</sup> A proposta de que o processo de gramaticalização ocorre no nível da construção linguística como um todo existe pelo menos desde Heine (1993). Um modelo mais recente, baseado na Gramática de Construções (cf. Goldberg 1995; 2006; 2019; Langacker 2008), apresentado por Traugott e Trousdale (2013), considera *construcionalização* o processo de mudança de uma sequência linguística em uma construção gramaticalizada, emergindo como um novo pareamento de forma e significado, e *mudança construcional* o processo que afeta traços de uma construção já existente, mas que não leva ao desenvolvimento de uma nova construção (cf. Traugott 2015; Gildea; Barðdal 2023). A construção pode ser parcialmente preenchida, como é o caso de [*sùù* POSS] no mundang, em que [*sùù*] é a parte preenchida da construção e [POSS] a parte esquemática e, portanto, variável. Nesse caso, o possessivo varia de acordo com o sujeito, com o qual estabelece concordância.

Outra observação importante é a de que a marca reflexiva difere da recíproca. O mundang apresenta a construção [(*yen*) *ki*] como marca de reciprocidade, conforme ilustra o exemplo (10):

- (10) *zə-ra zàà (yen) ki*  
 beijar-PL boca PREP RECP  
 ‘Eles se beijaram’

É possível notar a presença do morfe *ki* como marca recíproca. Ele pode ser acompanhado opcionalmente pela preposição *yen*. Segundo Heine (2000), morfemas de voz reflexiva geralmente evoluem para marcar a recíproca, especialmente quando retêm propriedades nominais da fonte lexical da qual evoluíram. Entretanto, embora a construção reflexiva em mundang retenha propriedades nominais, já que é formada por um nome e por um possessivo que apresenta concordância com o sujeito, ela não se gramaticalizou como marca recíproca. Não é nosso objetivo, contudo, traçar a origem do morfe recíproco, o que exigiria de nós um trabalho comparativo mais amplo<sup>14</sup>. De qualquer maneira, o fato de que ele seja opcionalmente precedido por preposição sugere uma possível origem nominal.

Em realidade, conforme mostram os dados, propomos que a construção [*sùù* POSS] tenha passado de marca reflexiva a marca média em mundang, gramaticalizando-se para os seguintes tipos situacionais identificados por Kemmer (1993) como pertencentes ao domínio médio – e seguindo o mesmo percurso de outras línguas africanas descritas no trabalho de Heine (2000):

### i) Cuidados corporais

- (11) *Ana dei sùù ahe*  
 Ana maquiar corpo POSS.3SG  
 ‘Ana se maquiou’
- (12) *Sabrina bu fa sùù ahe*  
 Sabrina colocar coisa corpo POSS.3SG  
 ‘Sabrina se vestiu’

<sup>14</sup> Em Tupuri (adamaua, nigero-congolês), há também uma marcação específica para o recíproco semelhante à marca do mundang: *kè* (Ruelland, 1988: 152).

## ii) Movimento não translacional (sem trajetória no espaço)

(13) *yɛl cee sùù ahe*  
 criança virar corpo POSS.3SG  
 ‘A criança se virou’

(14) *gʊó dəŋ sùù ahe*  
 cachorro baixar corpo POSS.3SG  
 ‘O cachorro se abaixou’

Os dados também mostram que a mesma construção também serve como marca de anticausativa/incoativa, o que não é algo incomum nas línguas africanas. Kuteva *et al.* (2019: 61, tradução nossa), por exemplo, dizem que “marcadores reflexivos constituem uma fonte comum para os marcadores anticausativos”<sup>15</sup>. Segundo Kemmer (1993), as anticausativas/incoativas também pertencem semanticamente ao domínio médio em diversas línguas, podendo ser descritas como o tipo situacional de ‘eventos espontâneos’:

## iii) Eventos espontâneos (usos incoativos/anticausativos e verbos de causa inespecífica)

(16) *zafaa bəl sùù ahe*  
 porta abrir corpo POSS.3SG  
 ‘A porta se abriu’

(17) *zafaa gɛ sùù ahe*  
 porta fechar corpo POSS.3SG  
 ‘A porta se fechou’

(18) *telephone gɛ sùù ahe*  
 telefone fechar corpo POSS.3SG  
 ‘O telefone se bloqueou’

(19) *gʊó cie sùù ahe*  
 cachorro enrolar corpo POSS.3SG  
 ‘O cachorro se enrolou’

Esses são tipos situacionais do domínio médio que são plenamente marcados em mundang. Porém, a análise mostra que existe certa flutuação na marcação média na língua, podendo se alternar entre a construção plena [*sùù* POSS] e a construção reduzida [*sùù*]. Em alguns contextos, como no tipo situacional identificado por

<sup>15</sup> Do original: “reflexive markers constitute one common source for anticausative markers”.

Kemmer (1993) como média indireta ou *selfbenefactive middle*, apenas [sùù] ('corpo') ocorre:

#### iv) Média indireta

- (20) *mè yàk sùù*  
 1SG descansar corpo  
 'Eu descanso' (Lit. 'Eu me descanso')

Isso também ocorre em outras línguas, como em ibíbio (cuá, nigero-congolês), em que o possessivo *ámò* 'seu' pode ser opcional para indicar a reflexiva. Segundo Heine (2000), os determinantes possessivos nessa língua são obrigatórios quando *ídém* 'corpo' tem valor nominal ou denota ênfase, mas é opcional quando marca reflexividade, conforme ilustra o exemplo (21).

- (21) Ibíbio (Essien 1982: 96 *apud* Heine 2000: 14, tradução nossa)

*Ányààṅ ídém (ámò)*  
 ele.está.ajudando corpo seu  
 'Ele está se ajudando'

Já outros tipos situacionais identificados por Kemmer (1993) como pertencentes ao domínio semântico médio não são marcados em mundang:

#### v) Mudança de postura corporal (sem marca em mundang)

- (22) *yel ur b'é*  
 criança levantar PERF  
 'A criança se levantou'

- (23) *Camila kaa kale*  
 Camila sentar cadeira  
 'Camila se sentou'

#### vi) Movimento translacional (sem marca em mundang)

- (24) *Bernard syesyel tə fali*  
 Bernard andar PREP rua  
 'Bernard andou na rua'

- (25) *yɛl kál túki*  
 criança ir mato  
 ‘A criança foi para o mato’

vii) **Média de emoção (sem marca em mundang)**

- (26) *Ana cii kyaŋ*  
 Ana doer voz  
 ‘Ana se zangou’

- (27) *mama yɛ bɛ*  
 mamãe acalmar PERF  
 ‘Mamãe se acalmou’

- (28) *yɛl duu gale*  
 criança correr medo  
 ‘A criança se assustou’

Embora a marca reflexiva também possa ter seu uso estendido como marca de passiva em outras línguas africanas (cf. Kuteva *et al.* 2019), em mundang nem o nome [sùù] (‘corpo’), nem a construção [sùù POSS] ou suas variações são usadas para marcar esse tipo situacional. No !xun (kx’a, coissã), o substantivo |’e (*self*), que etimologicamente significa ‘corpo’, se gramaticaliza para marcar a passiva a partir de um uso como marcador de anticausativa/incoativa.

- (29) !xun (Heine 2002: 88, tradução nossa)

*g||ú má ke tch’ŋ ká’ŋ |’é ke mí*  
 água TOP PAST beber seu *self* TR 1SG  
 ‘A água foi bebida por mim’

Kuteva *et al.* (2019) mencionam que parece haver uma trajetória mais geral que se desenvolve no cline ‘reflexiva > anticausativa/incoativa > passiva’. Embora esse ainda não seja o caso do mundang, poderia vir a ser, já que a língua não dispõe de um morfê ou de uma construção específica de voz passiva, mas apenas uma interpretação passiva a partir de estruturas ativas, como mostra o exemplo (30) extraído de Elders (2000: 315).

viii) **Situações de demção do agente (passiva?)**

(30) a. *hwál zə b́é*  
 fubá de painço cozinhar PERF  
 ‘O fubá de painço está cozido’

b. *kùù b̀è d̀ok b́é*  
 madeira POSS bater PERF  
 ‘A madeira foi destruída [pelos gorgulhos] / A madeira bateu [várias vezes]’

Elders (2000) denomina *patientif* sentenças como as do exemplo (30) e diz que essa categoria não é uma estrutura passiva, mas sim uma interpretação passiva, uma vez que sua estrutura não difere na sintaxe de uma estrutura ativa que apresenta um verbo intransitivo com sujeito paciente como ‘cair’. Essa interpretação é, evidentemente, apreendida por meio dos contextos reais de uso de tais sentenças.

Após a apresentação, a descrição e a análise dos dados do mundang, resta-nos explicar os resultados obtidos. Inicialmente, propomo-nos a especificar o *cline* de mudança das construções envolvidas no fenômeno analisado. Antes, porém, é importante mencionar a possível razão pela qual a construção [*sùù* POSS] é cooptada como marca reflexiva no mundang. Schladt (2000) diz que, no continente africano, num total de 71 línguas analisadas, a fonte predominante dos marcadores reflexivos são os termos para partes do corpo, como ‘corpo’ e ‘cabeça’, e isso é válido para línguas de uma mesma região, mas de diferentes procedências filogenéticas. No caso das línguas chádicas, as fontes são justamente ‘corpo’ e ‘cabeça’, o que sugeriria que a escolha por uma dessas fontes não poderia ser explicada apenas por fatores filogenéticos. O autor menciona que o fator areal pode desempenhar um importante papel nesses casos.

De fato, Evseeva e Salaberri (2018) chegam à conclusão de que o fator areal tem um impacto significativo na emergência de marcas reflexivas cuja origem remontam ao nome para o sentido de ‘cabeça’ e mencionam que há áreas desse tipo de gramaticalização, entre elas a África Centro-Occidental, as Terras Altas da Etiópia e o Noroeste da África. Nesse sentido, é importante mencionar que em tupuri (adamaua, nigero-congolês) [cf. Figuras 2 e 3], ocorre também o mesmo fenômeno constatado no mundang, conforme ilustram os exemplos em (31):

(31) Tupuri (Ruelland 1988: 273 / 108, tradução nossa)

a. *ndī wàk sè bí*  
 eu coçar corpo POSS.1SG  
 ‘Eu me coço [*I scratch myself*]

b. *sè bí gok gō*  
 corpo POSS.1SG esfregar COMPL<sup>16</sup>  
 ‘Eu me esfreguei [*I rubbed myself clean*]

Como o tupuri é uma língua filogeneticamente próxima ao mundang, poderíamos supor que se trataria de um fenômeno restrito ao ramo kebi-benue da família adamaua. Contudo, há outras línguas filogeneticamente distintas das línguas nigero-congolesas – mas que são igualmente faladas na mesma região onde se fala o mundang – que apresentam igualmente o mesmo fenômeno. Ilustramos essa questão com o caso do bagirmi, em (32), do ngambay, em (33) e do kenga, em (34), todas faladas no sul do Chade e pertencentes à família centro-sudanesa do tronco nilo-saariano.

(32) Bagirmi (Stevenson 1969: 45, tradução nossa)

a. *ma njug<sup>w</sup>o ro-m(a)*  
 eu lavar corpo-POSS.1SG  
 ‘Eu me lavo [*I wash myself*]

b. *ka njug<sup>w</sup>o ro-i*  
 tu lavar corpo-POSS.2SG  
 ‘Tu te lavas [*You wash yourself*]

(33) Ngambay (Thayer; Thayer 1971: 230, tradução nossa)

a. *tél*  
 virar  
 ‘Virar/retornar [*(re)turn*]

b. *tél rō*  
 virar corpo  
 ‘Virar-se [*to turn itself*]

(34) Kenga (Palayer 2004: 145, tradução nossa)

a. *ààk r’-nà*  
 ver corpo-POSS.3SG  
 ‘Ele se vê [*Il se regarde*]

<sup>16</sup> Ruelland (1988: 106) glosa *gō* como COMPL (*complétant*) e explica que esse morfe “marks the accomplishment of a cycle, the change in position or status”. Acreditamos que ele tem o valor semelhante ao de um perfectivo, mas optamos por deixar a glosa conforme consta no original.

b. *dááy r'ò-ṅà*  
 gemer corpo-POSS.3SG  
 'Ele geme [*Il gémit*']

É interessante notar que, nessas línguas nilo-saarianas, há dados em que a construção gramatical que envolve o morfe para o sentido de 'corpo' exhibe não apenas reflexividade, como (34a), mas também a marca média, que denota o domínio de cuidados corporais, conforme se constata em (32), movimento não translacional, ilustrado em (33b) e ações de fala de tipo emotivo, como pode ser visto em (34b). Isso sugere um indício de que o desencadeamento da mudança se dê por influência de um fator areal (Heine; Fehn 2017; Heine; Nurse 2008; Heine 1994), conforme outros estudos já consideraram (cf. Evseeva; Salaberri 2018; Schladt 2000). A respeito da distribuição das marcas reflexivas nas línguas africanas, Schladt (2000: 116, tradução nossa), por exemplo, conclui que

(...) a relação genética desempenha apenas um papel menor na escolha de uma determinada estratégia de gramaticalização. Provavelmente, mais importante é o fator de influência areal, que parece fazer com que as pessoas tomem emprestados não apenas uma forma lexical, mas um conceito mental como um todo.<sup>17</sup>

Em relação ao *cline* de gramaticalização, o mundang segue a trajetória comum a outras línguas do mundo, de uma forma geral, e a várias línguas africanas, em particular (cf. Schladt 2000; Heine 2000; Kuteva *et al.* 2019). Tal qual propõe Schladt (2000) para outras línguas, (i) no mundang, a construção [*sùù* POSS] forma o objeto da oração e tem um modificador possessivo que se correlaciona com o sujeito; (ii) por meio de um processo de metonimização, comum aos casos de gramaticalização, a construção [*sùù* POSS] é reanalisada como um reflexivo ao ter o sujeito como referente, bem como estabelecer concordância com ele; (iii) posteriormente, a construção passa a desempenhar outras funções, no caso do mundang, associadas a alguns tipos situacionais do domínio de voz média<sup>18</sup>.

Nominal [construção lexical] > Reflexiva [construção gramatical] > Média [construção gramatical]

<sup>17</sup> Do original: "(...) genetic relationship only plays a minor role in the choice of a certain grammaticalization strategy. Probably more important is the factor of areal influence, which seems to cause people to not simply borrow a lexical form but a mental concept as a whole".

<sup>18</sup> Kuteva *et al.* (2019) citam o *cline* 'reflexiva > anticausativa'. Como na proposta de Kemmer (1993), o que se denomina como anticausativa faz parte do domínio da média, optamos por não especificar a anticausativa no *cline*.

Em relação ao *cline*, é preciso dizer que não se indentificaram no mundang as mudanças de nominal para expressão enfática, de reflexiva para recíproca, tampouco de média (anticausativa) para passiva, conforme sucede com outras línguas africanas. Embora não se conforme integralmente, portanto, ao *cline*, proposto inicialmente por Heine (2000), que estabelece o seguinte percurso ‘nominal > enfática > reflexiva > recíproca > média > passiva’, é preciso dizer que o estudo de Evseeva e Salaberri (2018) também mostrou que nenhuma língua investigada por eles seguiu todos os estágios desse ou de outros *clines* propostos na literatura. Dessa forma, o mundang também atesta o que os autores indicaram, isto é, que alguns estágios desse processo de gramaticalização podem ser opcionais. Por fim, é importante dizer que a natureza nominal da construção [sùù POSS] não nos permite dizer ainda que ela possa ser classificada como um pronome reflexivo, mas como uma construção que marca a voz reflexiva na língua.

#### 4. Considerações finais

Neste trabalho, analisou-se o processo de gramaticalização que envolve a mudança da sequência [sùù POSS] para uma construção gramatical parcialmente preenchida. Mostrou-se que não são os itens lexicais que se gramaticalizam isoladamente, mas sim toda a construção. Também se mostrou que essa construção funciona como marca reflexiva e tem seu uso estendido como marca média. Apresentaram-se dados dos tipos situacionais do domínio médio em que se usa a construção [sùù POSS] como marca plena, como os de cuidados corporais, movimentos não translacionais e eventos espontâneos. Assim, concluiu-se que a presença do tipo situacional ‘eventos espontâneos’ indica que o percurso de gramaticalização disposto no *cline* ‘nominal > reflexiva > média (anticausativa)’, já observado em outras línguas africanas, também se faz presente em mundang.

Mostrou-se também que, em mundang, o tipo situacional média indireta é marcado por uma variante reduzida da marca média, ou seja, apenas [sùù], e que tipos situacionais como mudança de postura corporal, movimento translacional e média de emoção não são marcados em mundang. Não se atestaram usos da marca média nos tipos situacionais recíprocos nem passivos – a recíproca possui marca própria e a passiva parece se utilizar de uma interpretação passiva para uma

estrutura ativa no aspecto perfectivo. Esses achados foram relacionados à possibilidade de o processo de gramaticalização estar circunscrito à influência de um fator areal. Por fim, pode-se afirmar que este trabalho se soma às evidências já existentes na literatura que apontam que a gramaticalização é um processo por meio do qual expressões lexicais tornam-se construções gramaticais, e podem, extensivamente, no caso abordado neste trabalho, se manifestar como fenômenos marcadores de voz.

## Abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
CL1	classe nominal 1
COMPL	<i>complétant</i>
FUT	futuro
INF	infinitivo
NV	nome verbal
PAST	passado
PERF	perfectivo
PL	plural
POSS	possessivo
PREP	preposição
RECP	recíproco
REL	relativo
REFL	reflexivo
SG	singular
TOP	tópico
TR	preposição transitivizadora

## Referências

AWOYALE, Yiwola. Reflexivization in Kwa languages. In: DIMMENDAAL, Gerrit (org.). *Current Approaches to African Linguistics*. Vol. 3. Dordrecht; Cinnaminson: Foris Publishing, 1986. p. 1-14.

BEEKES, Robert. *Comparative Indo-European Linguistics: An Introduction*. 2<sup>a</sup> ed. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2011.

BISANG, Walter; MALCHUKOV, Andrej (org.). *Grammaticalization Scenarios: Cross-linguistic Variation and Universal Tendencies, Volume 1: Grammaticalization Scenarios from Europe and Asia*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2020a.

BISANG, Walter; MALCHUKOV, Andrej (org.). *Grammaticalization Scenarios: Cross-linguistic Variation and Universal Tendencies, Volume 2: Grammaticalization*

Scenarios from Africa, the Americas, and the Pacific. Berlin: Mouton De Gruyter, 2020b.

BOYD, Raymond. Number systems in the Adamawa branch of Niger-Congo. *African Languages and Cultures*, v. 2, n. 2, p. 149-183, 1989.

BOWERN, Claire. *Linguistic Fieldwork: A Practical Guide*. London: Palgrave Macmillan, 2008.

BRUSSAUX, Eugène. Notes sur les Moundans. *Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris*, v. 5, n. 8, p. 273-295, 1907.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: The grammaticalization of tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CAMACHO, Roberto. Em defesa da categoria de voz média no português. *D.E.L.T.A.*, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003.

CAMPBELL, George; KING, Gareth. *Compedium of the World's Languages*. Volume II: Lak to Zuni. 3<sup>a</sup> ed. London; New York: Routledge, 2013.

COMRIE, Bernard; HASPELMATH, Martin; BICKEL, Balthasar. *The Leipzig glossing rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology; University of Leipzig, 2008. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>. Acesso em: 12 jan. 2024.

CREISSELS, Denis. *Syntaxe générale, une introduction typologique 2: la phrase*. Paris: Hermes Science Publications, 2006.

ELDERS, Stefan. *Grammaire mundang*. Leiden: CNWS, 2000.

ELDERS, Stefan. Issues in comparative Kébi-Benue (Adamawa). *Africana Linguistica*, v. 12, p. 37-88, 2006.

ESSIEN, Okon. The so-called reflexive pronouns and reflexivization in Ibibio. *Studies in African Linguistics*, v. 13, n. 2, p. 93-108, 1982.

EVSEEVA, Natalia; SALABERRI, Iker. Grammaticalization of nouns meaning 'head' into reflexive markers: A cross-linguistic study. *Linguistic Typology*, v. 22, n. 3, p. 385-435, 2018.

FRAJZYNGIER, Zygmunt. 'Body' and the relationship between verb and participants. In: KRASKA-SZLENK, Iwona (org.). *Body Part Terms in Conceptualization and Language Usage*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020. p. 117-132.

FRAJZYNGIER, Zygmunt; SHAY, Erin. Contact and Afroasiatic Languages. In: HICKEY, Raymond (org.). *The Handbook of Language Contact*. 2<sup>a</sup> ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2020. p. 571-592.

GEBREYES, Abinet. Grammaticalization of Body-Part Terms in Ethiosemitic. In: BRENZINGER, Matthias; KRASKA-SZLENK, Iwona (org.). *The Body in Language: Comparative Studies of Linguistic Embodiment*. Leiden; Boston: Brill, 2014. p. 33-51.

GILDEA, Spike (org.). *Reconstructing Grammar: Comparative Linguistics and Grammaticalization*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2000.

GILDEA, Spike; BARÐDAL, Jóhanna. From grammaticalization to Diachronic Construction Grammar: A natural evolution of the paradigm. *Studies in Language*, v. 47, n. 4, p. 743-788, 2023.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Explain me this: Creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2019.

GOOD, Jeff. Niger-Congo, with a special focus on Benue-Congo. In: VOSSSEN, Rainer; DIMMENDAAL, Gerrit (org.). *The Oxford Handbook of African Languages*. New York: Oxford University Press, 2020. p. 139-160.

GORDON Jr., Raymond (org.). *Ethnologue: Languages of the world*. 15<sup>a</sup> ed. Dallas: SIL International, 2005.

GUTHRIE, Malcolm. *Comparative Bantu*. Farnborough: Gregg Press, 1967-1971.

HAMMARSTRÖM, Harald; FORKEL, Robert; HASPELMATH, Martin; BANK, Sebastian. *Glottolog 4.8*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2023. Disponível em: <https://glottolog.org/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

HEINE, Bernd. Adpositions in African Languages. *Linguistique Africaine*, v. 2, p. 77-127, 1989.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, Bernd. Areal influence on grammaticalization. In: PÜTZ, Martin (org.). *Language Contact and Language Conflict*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 56-68.

HEINE, Bernd. *Cognitive Foundations of Grammar*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1997.

HEINE, Bernd. Polysemy involving reflexive and reciprocal markers in African languages. In: FRAJZYNGIER, Zygmunt; CURL, Traci (org.). *Reciprocals: Forms and Functions*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 1-30.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (org.). *New Reflections on Grammaticalization*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 83-101.

- HEINE, Bernd. Grammaticalization in African languages. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (org.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 696-707.
- HEINE, Bernd. The Body in Language: Observations from Grammaticalization. In: BRENNINGER, Matthias; KRASKA-SZLENK, Iwona (org.). *The Body in Language: Comparative Studies of Linguistic Embodiment*. Leiden; Boston: Brill, 2014. p. 13-32.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization in Africa: Two contrasting hypotheses. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (org.). *Grammaticalization from a Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 16-34.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, Bernd; FEHN, Anne-Maria. An Areal View of Africa. In: HICKEY, Raymond (org.). *The Cambridge Handbook of Areal Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 424-445.
- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The Genesis of Grammar: A Reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.
- HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (org.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- HEINE, Bernd; NURSE, Derek (org.). *A Linguistic Geography of Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- HEINE, Bernd; REH, Mechthild. *Grammaticalization and Reanalysis in African Languages*. Hamburg: Buske, 1984.
- HOPPER, Paul; TRAUOGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. 2<sup>a</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KEMMER, Suzanne. *The Middle Voice*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- KLEINWILLINGHÖFER, Ulrich. Adamawa. In: VOSSEN, Rainer; DIMMENDAAL, Gerrit (org.). *The Oxford Handbook of African Languages*. New York: Oxford University Press, 2020. p. 220-230.
- KUTEVA, Tania; COMRIE, Bernard. The typology of relative clause formation in African languages. In: VOELTZ, F. K. Erhard (org.). *Studies in African Linguistic Typology*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 209-228.
- KUTEVA, Tania; HEINE, Bernd; HONG, Bo; LONG, Haiping; NARROG, Heiko; RHEE, Seongha. *World Lexicon of Grammaticalization*. 2<sup>a</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. 3<sup>a</sup> ed. Berlin: Language Science Press, 2015.

LÓPEZ-COUSO, Maria; SEOANE, Elena (org.). *Rethinking Grammaticalization: New Perspectives*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2008.

MALDONADO, Ricardo. *A media voz: Problemas conceptuales del clítico 'se'*. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1999.

MANFREDI, Stefano; ČÉPLÖ; Slavomír. A corpus-driven description of o in Naijá (Nigerian Pidgin). *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 38, n. 2, p. 290-319, 2023.

MOUCHET, Jean. Vocabulaires comparatifs de 15 parlars du Nord-Cameroun. *Journal de la Société des Africanistes*, v. 8, n. 2, p. 123-143, 1938.

NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (org.). *Grammaticalization from a Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

NARROG, Heiko; HEINE, Bernd. *Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2021.

PALAYER, Pierre. *Dictionnaire kenga (Tchad)*. Louvain-Paris: Peeters, 2004.

ROBBEETS, Martine; CUYKENS, Hubert (org.). *Shared Grammaticalization: With special focus on the Transeurasian languages*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2013.

ROBERT, Stéphane. On the grammatical uses of the 'head' in Wolof: From reflexivity to intensifying uses. In: KRASKA-SZLENK, Iwona (org.). *Body Part Terms in Conceptualization and Language Usage*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020. p. 133-168.

RUELLAND, Suzanne. *Dictionnaire Tupuri-Français-Anglais (Région de Mindaoré - Tchad)*. Paris: Peeters/SELAF, 1988.

SCHLADT, Mathias. The typology and grammaticalization of reflexives. In: FRAJZYNGIER, Zygmunt; CURL, Traci (org.). *Reflexives: Forms and Functions*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 103-124.

SOARES DA SILVA, Augusto. Constructional changes in Brazilian Portuguese in the 20th century: Two cases of linguistic deletion. In: PONS BORDERÍA, Salvador; SALAMEH JIMÉNEZ, Shima (org.). *Language Change in the 20th Century*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2024. p. 261-289.

STEVENSON, R. C. *Bagirmi Grammar*. Khartoum: University of Khartoum, 1969.

STIRZ, Timothy. Body-Part Adpositions in Gaahmg – Grammaticalized Forms with Person-Marker Vowels. *Studies in African Linguistics*, v. 43, n. 1-2, p. 37-55, 2014.

STRÜMPPELL, Hauptmann. Wörterverzeichnis der Heidensprachen Adamauas. *Zeitschrift für Ethnologie*, v. 42, p. 444-488, 1910.

THAYER, Linda; THAYER, James. *50 Lessons in Sara-Ngambay*. 3 vols. Bloomington: Indiana University, 1971.

TRAUGOTT, Elizabeth. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: BARÐDAL, Jóhanna; SMIRNOVA, Elena; SOMMERER, Lotte; GILDEA, Spike (org.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2015. p. 51-80.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN PAREREN, Remco. Body part terms as a semantic basis for grammaticalization: a Mordvin case study into spatial reference and beyond. *Language Sciences*, v. 36, p. 90-102, 2013.

VOLL, Rebecca. Grammaticalization of Body-Part Terms in Mundabli. In: BRENZINGER, Matthias; KRASKA-SZLENK, Iwona (org.). *The Body in Language: Comparative Studies of Linguistic Embodiment*. Leiden; Boston: Brill, 2014. p. 284-298.

ZARIQUIEY, Roberto; VALENZUELA, Pilar (org.). *The Grammar of Body-Part Expressions: A View from the Americas*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

WILLIAMSON, Kay. The Niger-Congo Overview. In: BENDOR-SAMUEL, John; HARTELL, Rhonda (org.). *The Niger-Congo Languages*. Lanham: University Press of America, 1989. p. 3-45.

WILLIAMSON, Kay; BLENCH, Roger. Niger-Congo. In: HEINE, Bernd; NURSE, Derek (org.). *African Languages: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 11-42.

WOJTYLAK, Katarzyna. Multifaceted body parts in Murui: A case study from Northwest Amazonia. In: KRASKA-SZLENK, Iwona (org.). *Body Part Terms in Conceptualization and Language Usage*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020. p. 169-191.